



ARTIGO

TEREZA NAZAR, 90 ANOS: ARTE COMO DIÁLOGO E EXPRESSIONISMO MÚTUA

JOÃO J. SPINELLI
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: A artista Teresa Nazar compreende a configuração estética e social dos anos 1960: um tempo dinâmico, marcado pelo avanço da tecnologia que revoluciona o cotidiano, une sentimentos e interferem no seu processo criativo, transcende o particular para se projetar no universal.

Objetos subtraídos do cotidiano, industrializados, são apropriados pela artista como matéria de ressignificação poética. Destituídos de seu destino original ganham uma nova potência quando migram para a arte.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte; Arte Brasileira; Pintura; Assemblage; Pop Art; Expressionismo; Resgate Artístico.

ABSTRACT: The artist Teresa Nazar understands the aesthetic and social configuration of the 1960s: a dynamic time, marked by the advancement of technology that revolutionizes everyday life, unites feelings and interferes in her creative process, transcends the particular to project herself into the universal.

Objects subtracted from everyday life, industrialized, are appropriated by the artist as a matter of poetic reframing. Deprived of their original destiny, they gain new power by migrating to art.

KEYWORDS: History of Art; Brazilian Art; Painting; Assemblage; Pop Art; Expressionism; Artistic Rescue.



Em circunstâncias diferentes de sua carreira artística, Teresa Nazar sempre entendeu que a arte é uma forma de ampliação de conhecimentos. Consciente das múltiplas transformações temporais, utilizou em suas obras nos anos 1960, como estratégia básica de comunicação, materiais e técnicas atualizadas, explicitando e, de um certo modo, facilitando a apreensão e a inteligência das incertezas e das aspirações da sociedade desta época, em oposição à massificação crescente, pós Segunda Guerra Mundial, que absorvia os progressos científicos e tecnológicos consumindo-os sob a ótica de interesses menores e imediatistas. Entendeu, com antecedência, que a arte da segunda metade do século XX não se prestaria apenas para fins expressivos pessoais, de uma sensibilidade mais ou menos aguda ou de uma visão alienada socialmente - desligada do seu tempo e das dificuldades pessoais de seus conterrâneos. Antecedeu assim os preceitos elaborados pelo principal Manifesto da vanguarda brasileira elaborado e publicado na cidade do Rio de Janeiro por Helio Oiticica, Rubens Gerchman, Lygia Pape, Maurício Nogueira Lima e entre outros Lygia Clark, em janeiro de 1967 e conhecido como: *Declaração de Princípios Básicos da Vanguarda Brasileira*.

Para a artista - que no dia 1 de abril completaria 90 anos - viver e criar sempre foi um desafio instigante, uma relação dialógica estabelecida por intermédio de

Sem título, 1966. Série: Astronautas. Chapa de ferro, tela de arame, madeira, borracha, tubo de ferro, plástico e tinta sobre compensado. 122x69 cm.



Sem título, 1966. Série: Astronautas. Chapa de ferro, tela de arame, gesso, vidro, madeira, parafusos, PVA e tinta sobre compensado. 112x226 cm.

signos, formas e cores - vivenciais aos usufruidores de suas criações plásticas. Um diálogo que tinha como propósito principal ser expressão mútua, não somente uma forma de falar por outro ou para outro, mas com o outro - uma manifestação igualmente significativa para o público e para

a própria artista. Uma maneira de transpor a impessoalidade da vivência social, capaz de despertar no ser humano a consciência de si mesmo, de construir ou de reconstruir seus valores, intensificar experiências, reelaborar o mundo que o envolve sobre o qual age, mas também que o

pressiona e o modela.

Tereza Nazar, desta forma, compreende a configuração estética e social dos anos 1960: um tempo dinâmico exposto a tecnologia que evoluciona e revoluciona o cotidiano - unindo sentimentos que interferem no processo criativo dos artistas e que transcendem o

meramente particular para projetar-se esteticamente no universal. Assim, os fragmentos e os recortes de materiais industrializados se transformam em ferramentas primordiais para a sua criação plástica. Uma forma talvez de sinalizar um tempo difícil, não só para o Brasil, sua pátria adotada, mas para o mundo em geral. Visionariamente, a pintora entendeu os fartos, hoje considerados históricos (o Ato Institucional Número 5, a prisão dos estudantes do 3º Congresso da UNE, a proibição da exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de artistas brasileiros selecionado para representar o Brasil na Quinta Bienal de Paris, o Pacto de Varsóvia, o fim da Primavera de Praga, as grandes manifestações estudantis e greves em Paris, o assassinato do líder pacifista Martin Luther King e até as transgressões criativas do Festival de Woodstock). Enfim um tempo que exigia posicionamentos claros, sem subterfúgios. A artista reformula radicalmente a sua obra, situando-a neste novo contexto histórico, traduzindo em criações visuais seu engajamento social e estético.

Objetos subtraídos do cotidiano, industrializados, são apropriados como matéria de ressignificação poética. Destituídos de seu destino original, desprovidos de qualquer tipo de glamour, ganham uma nova potência quando migram para a arte. Denunciam o estado efêmero da vida, ressignificam valores. Os cânones tradicionais do bom gosto, se aplicados à primeira vista na obra desta fase da artista, são inutilizáveis. Teresa Nazar deliberadamente incorporou e ao mesmo tempo ultrapassou as características artísticas das correntes reinantes da época: Novo Dadaísmo, Novo Realismo, Nova Figuração, Pop-Art. Assim como Susan Sontag, Teresa Nazar entendeu a significativa contribuição da estética *Camp* para aquele período. A pintora decisivamente eliminou o que seria assimilável facilmente, substituindo-o por uma composição vigorosa à margem do caudal da arte de imediata inteligência e consecutiva comercialização, à procura de uma arte objetual, entre a pintura e a escultura, uma crítica direta à sociedade industrial de consumo que lhe possibilitou uma visão particular

do mundo, índice da liberdade artística alcançada pela imaginação irrestrita desta artista.

Independente e livre de objetivos esculturais, os materiais industrializados escolhidos pela artista impulsionam e dinamizam a composição final da obra: lâminas finas, maleáveis são recortadas arqueadas, dobradas, sanfonadas. Além dos metais, Teresa Nazar acrescentou em seus painéis, materiais plastificados, tecidos variados, pregos e até parafusos. Perfeitamente integrados à composição, adquirem certa autonomia, de aparência inesperada, incomum. Apesar de optar pela não utilização de materiais considerados nobres e sacralizados pelas artes plásticas, seus painéis superam vicissitudes e alcançam densidades unívocas. As emendas e as suturas, resolutivamente visíveis, ressaltam não apenas as precariedades destes materiais, mas da própria humanidade.

As confrontações formais e figurativas aparentemente contraditórias reforçam ainda mais a proposta inicial da artista, um confronto direto com



Sem título, c. 1960. Tríptico. Chapa de alumínio, sisal, resina de poliéster e tinta sobre compensado. 110x161 cm.

o conturbado momento histórico da época.

Ao expor fragmentos e detritos da decantada sociedade tecnológica, a artista realiza uma experiência estética diferenciada: uma crítica ao estatuto real da contemporaneidade que privilegia os processos produtivos tecnológicos vigentes, em detrimento da humanidade. Daí a aparente instabilidade criada em suas obras, tensão permanente entre superfícies e volumes.

Felicitada pelos principais críticos de arte brasileira, Teresa Nazar

aprofundou ainda mais as suas pesquisas estéticas. Mario Schenberg, ao escrever sobre esta nova fase da artista afirmou: “Na VIII Bienal Teresa causou uma grande surpresa, pelo progresso rapidíssimo que realizara em pouco tempo. Verdadeiro salto. Sua pintura ganhara um arrojo e uma liberdade imprevisíveis, graças à sua audácia no emprego de novos materiais e a virada para novas formas de realismo... Sua visão do mundo não podia ser transmitida adequadamente pela simples representação gráfica e colorística tradicional”.

Em 1966, Frederico de Moraes acrescentou: “Do último ano para cá, Teresa Nazar transformou radicalmente sua temática, iniciando uma série interessantíssima sobre voos de

Sem título, c. 1970. Série: Mulheres. Gesso, tecido, PVA e tinta sobre compensado. 110x53cm.





Foguete, 1966. Chapa de ferro, tela plástica, gesso, vidro, parafusos, PVA e tinta sobre compensado. 80x110 cm.

astronautas, na qual usa materiais os mais diversos - placas de metal, restos de objetos industrializados, etc. - como que a sugerir a mesma ambiência dos voos interplanetários... É preciso prestar atenção em Teresa Nazar”.¹ Harry Laus também destacou a sua grande mudança artística: “Teresa Nazar abandonou a pintura de cavalete e dedica-se a serrar, parafusar, pregar elementos os mais variados para a realização de seus quadros. É uma pintora da vanguarda paulista”.² Antonio Bento, em 1996, reforçou: “A temática ‘pop’ é adequada às novas realizações da artista... Teresa Nazar utiliza-se de objetos e chapas prateadas, que revitalizam a sua composição... uma pintura inovadora e anticonformista, baseada numa temática da nossa época, como a da navegação sideral, com os seus foguetes, cápsulas e astronautas, heróis modernos empenhados na aventura da conquista do cosmo”.³ O historiador de arte José Roberto Teixeira Leite confirmou: “a artista destacou-se por suas interpretações pictóricas do cotidiano, bem como pela série de quadros dedicados aos

astronautas e aos voos espaciais, servindo-se então de uma linguagem claramente influenciada pela Pop norte-americana”.⁴ Assim, ousadamente, pioneiramente Teresa Nazar incluiu com antecedência a presença da mulher nos futuros voos espaciais.

Apesar de Teresa Nazar não concordar, muitos críticos inseriram a sua produção visual na Pop-Art. A artista, em depoimento para o Jornal do Brasil, discordou: “Há muito tempo - por necessidade e obrigação - acabei com a pintura de cavalete. Creio nos materiais que procuro e utilizo, porque, através deles chego a concretizar um pedaço do tempo ao qual existi”. Em seguida, completou: “Minha arte é bem distinta daquilo que os Pop-Art americanos mostram em suas obras, pois, sendo o artista um termômetro de sua época, ele retratará os símbolos do mundo que o rodeia dentro de seus limites geográficos. O homem americano não tem tempo de parar para pensar. Por isso a Pop-Art americana reflete um mundo agitado, cheio de cartazes luminosos, produtos

alimentícios e garrafas de coca-cola”.⁵ Em depoimento, iconoclasticamente, a autora reforça a sua independência estética afirmando que as nomenclaturas e as classificações artísticas deviam ser eliminadas: “Chegou um momento que você não precisa dizer isto é uma pintura, um desenho, uma gravura ou uma escultura. Você pode utilizar todos os materiais escultóricos, gráficos, pictóricos em uma única obra”.⁶

Apesar da não concordância explícita da artista, de sua filiação à Pop-Art, algumas de suas obras (distantes do marketing e da apologia do consumo) se aproximam, tangenciam conceitualmente esta corrente artística.

Após ser aclamada pelo crítico Mario Schenberg como “artista da vanguarda paulista” e alcançar visibilidade nacional por intermédio de suas participações com grande destaque em duas Bienais Internacionais de São Paulo - a pintora foi convidada (em plena ditadura militar) para realizar junto com os mais importantes artistas daquele época: Hélio Oiticica, Antonio

Dias, Rubens Gerchman, Nicolas Vlavianos, Pedro Escosteguy, Maria Helena Chartuni e Carlos Vergara - de um dos mais polêmicos eventos da década de 60: o Happening na Avenida São Luis/Galeria Atrium de São Paulo, segundo Carlos Vergara, foi para desmistificar a arte: “Somos realistas. As coisas devem ser vistas como são. Vamos tirar o paletó da obra de arte para que o público se sinta à vontade para ver”.⁷ Em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo Teresa acrescentou: “o propósito do *apeningue* é social e artístico servindo-se da psicologia do choque para despertar no espectador o impacto ante a obra de arte... algo momentâneo, que pode chocar o meio mostrando a insignificância das coisas e das ideias, o desprezo pelos valores estabelecidos e também algo mais: a validade na escolha dos meios de expressão artística”.⁸

Esse evento, um manifesto iconoclasta, na época foi aclamado e ao mesmo tempo detestado pelo público e parte da crítica de arte, os críticos mais engajados com a arte contemporânea o defenderam. O diretor do Museu de

Arte de São Paulo - MASP, Pietro Maria Bardi, com discernimento e firmeza afirmou: “a arte brasileira continua a se desenvolver como estava previsto, participando sempre, e cada vez com mais intensidade, dos movimentos de renovação que surgem agora, uns após outros, em toda parte. Para muitos isto é errado: para outros, justo... tudo o que escapa do campo do conhecimento fácil e corriqueiro ainda não é aceito”.⁹

Ao se apropriar e adequar para a arte objetos e materiais até hoje relegados culturalmente, a pintora institui formalmente uma nova leitura, um novo olhar. Para esta artista não existiam materiais nobres ou menos nobres. Cabia unicamente ao criador rever e superar padrões e convenções estipulados por antigas gerações de artistas e ou historiadores de arte.

Assim teias de arame, palhas de aço (Bombril), tecidos, placas metálicas recortadas ou dobradas, madeira, gesso misturado com estopa e cola PVA, parafusos, interruptores, cabos elétricos, rebites - objetos côncavos ou convexos - convivem formalmente

nas composições e alegorias visuais de Teresa Nazar. Metáforas que abrigam objetos, formas e cores vibrantes: operações simbólicas desvinculadas de relações imediatistas de significados-significantes, somente testemunhas da realidade circundante. Para a artista, os materiais funcionam como coautores da obra, pois expressam intrinsecamente o essencial, o indisfarçável, certa verdade inalcançável à arte por outros meios. Os materiais, muitas vezes constroem tensões, integrantes e inseparáveis do ideário visual concretizado pela artista. Uma cosmogonia visual que redimensiona as discussões sobre a própria criação artística (iniciada por Teresa Nazar com as suas pinturas dos anos 1950), para um diálogo mais amplo com diferentes técnicas e diversificados materiais, assim os seus quadros avolumam-se e testam os limites sacralizados da pintura: uma tradução particular, convincente, sensível de Teresa Nazar.

Para Walter Zanini, Teresa Nazar “criou múltiplos campos de imagens, construídos através de grande liberdade de formas articuladas, singulares... é



Sem título, 1967. Série Espacial V. Chapa de ferro, tela de ferro, plástico, gesso, PVA e tinta sobre eucatex. 121x141 cm.



recorrente o *assemblage* de coisas industrializadas... descobrimos em seus cenários geralmente conturbados, uma presença significativa de razões femininas, socio-culturalmente e psicologicamente entre as maiores de um período de luta por emancipações... A contribuição de Teresa Nazar permanece”.¹⁰

“NA VIDA NÃO TEM SENTIDO FICAR APEGADA ÀS COISAS. QUANDO SE ALMEJA ALGO NOVO É PRECISO ABANDONAR TUDO O QUE VEIO ANTES.”
TERESA NAZAR

Teresa Nazar nasceu no dia 1º de abril de 1933 em Mendoza, Argentina.* Antes de vir para o Brasil, recebeu na sua cidade natal Mendoza, uma formação artística e humanística exemplar ministrada pela Universidade Nacional de Cuyo, que lhe outorgou, em 1961, uma bolsa de intercâmbio cultural. A artista, para se aprimorar em litografia veio para São Paulo, onde estudou na FAAP com Marcelo Grassmann e Darel Valença. Este intercâmbio lhe possibilitou, além de seu aperfeiçoamento em gravura, ser assistente da professora Hebe de Carvalho na própria FAAP e ser selecionada para participar como monitora da VI Bienal Internacional de São Paulo. Estas experiências e o contato direto com os mais importantes artistas que participaram dessa mostra determinaram, depois de seu retorno a Argentina, um desejo de voltar a São Paulo

Sem título, 1966. Série: Astronautas. Chapa de ferro, tela de arame, plástico, parafusos, objetos e tinta sobre compensado. 110x80 cm.

e aqui permanecer. Em entrevista, Teresa Nazar explicou o motivo de sua escolha: “eram anos de grande agitação político-social e, na capital paulista, florescia um movimento cultural de grande envergadura. Nela gostaria de realizar o que penso em pinturas. Depende, no entanto de várias circunstâncias”.¹¹

Para Vergniaud Gonçalves a artista acrescentou: “Odeio a rotina. Gosto de São Paulo também porque, quando acordo, nunca sei o que vai me acontecer. Estou descobrindo um novo mundo”.¹²

Em 1962, a artista aqui fixou residência definitiva, instalou seu ateliê e se casou em 1965 com o escultor grego Nicolas Vlavianos. Desde o início de sua carreira artística em Mendoza, Teresa Nazar reconfigurou plasticamente a representação da humanidade. No começo, solidária registrou aspectos significativos da cultura dos indígenas argentinos, seus conterrâneos esquecidos pelo poder público. Esta fase foi elogiada pelo jornal Los Andes, de Mendoza.

Esta publicação destacou de imediato o seu surpreendente domínio técnico concluindo: “não obstante, apesar de jovem, em suas composições com figuras indígenas, pode-se apreciar a incorporação de alguns elementos que já apontam para um estilo pessoal”.¹³ Além dos especialistas em arte da Argentina, os brasileiros também reconheceram a extensão dos conhecimentos técnicos compositivos e pictóricos de Teresa Nazar.

A sua primeira exposição individual, aqui apresentada na antiga Galeria Selearte foi referendada pelos críticos dos principais jornais paulistas. Geraldo Ferraz, considerado até hoje um dos críticos mais exigentes do Brasil, além de valorizar as suas habilidades técnicas afirmou: “A jovem pintora trata a pintura a óleo em cuidadosa matéria, sobre ritmos e coloridos de uma conscienciosa elaboração... Teresa é uma figurativa que não cede a nenhuma transação no mundo abstrato... busca, isto sim, correspondências plásticas de vibração ativa e de enquadramentos dinâmicos... tudo isto em favor de

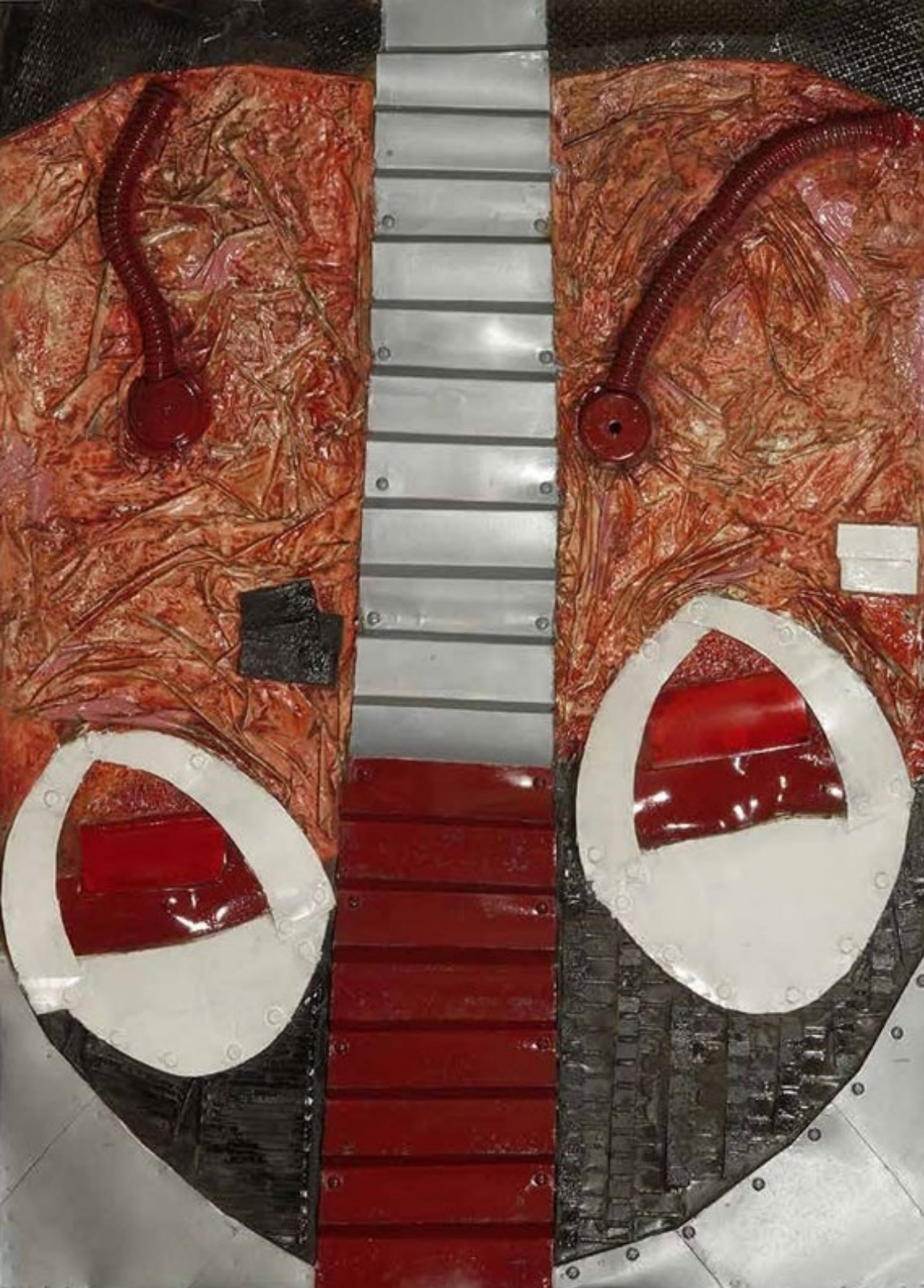
uma pintura que se arma se esforço numa espontaneidade admirável”.¹⁴

Na mesma época, José Geraldo Vieira, Quirino da Silva, Mario Schenberg e Sergio Milliet também enalteceram esta sua primeira mostra no Brasil.

Quirino da Silva admirado escreveu: “sua obra é toda estruturada por um desenho forte que se harmoniza com um colorido depurado”.¹⁵

José Geraldo Vieira acrescentou: “Teresa Nazar apresenta uma objetividade figurativa em teor majestoso... uma intuitiva composição proto-cubista e também expressionista entre Georges Braque e Roualt...” Assim, Vieira sinalizava as heranças e influências positivas dos grandes mestres na obra de Teresa Nazar.¹⁶

Para Sérgio Milliet: “Teresa Nazar tem a recomendá-la, antes de tudo, um conhecimento perfeito da composição. Uma composição sem dúvida geométrica, mas não fria, mesmo porque adquire como predileção pelas curvas, uma sensualidade realçada ainda pela cor e pelo amor a matéria. A seriedade da sua arte é ademais, extremamente simpática nesse momento de tantas



seduções estéticas”.¹⁷

Já para Mário Schenberg, “a pintura de Teresa Nazar se filia a um expressionismo figurativista de marcado caráter cubista... esta jovem artista possui uma visão vigorosa das paisagens e das pessoas... a cor é ainda subordinada ao desenho e à composição dos volumes... que acentuam os vários planos de seus espaços de seus espaços cubistas, sem constituir o meio principal de expressão”.¹⁸

Raramente, não só no Brasil, um artista plástico, em sua primeira mostra individual, conseguiu tanto apoio e o reconhecimento de suas qualificações técnicas, coloristas e compositivas. Apesar do sucesso desta e das outras exposições apresentadas pela artista nas principais galerias de arte de São Paulo e o Rio de Janeiro (Astréia, Atrium, Petite Galerie, Goeldi), a pintora entendeu que não poderia parar no tempo, se acomodar, mesmo com essa excelente aceitação dos críticos e dos principais colecionadores de arte da época. A partir daí, Teresa sentiu a necessidade de enfrentar novos desafios em sua carreira. Em entrevista para um jornalista a pintora afirmou: “Na vida não tem sentido ficar apegada as coisas. Quando se almeja algo novo é preciso abandonar tudo o que veio antes”.¹⁹

Apesar de realizada como artista e de ter suas

Sem título, 1966. Série: Astronautas. Chapa de ferro, tela de arame, plástico, acrílico e tinta sobre compensado. 110x80 cm.

obras disputadas pelos principais galeristas e colecionadores da época, Teresa Nazar, paralelamente às suas atividades artísticas, desenvolveu um profícuo e elogiado trabalho como professora na Faculdade de Artes Plásticas da FAAP, destacando-se, até hoje, entre os mais respeitados deste Centro universitário.

Em depoimento, entre tantos outros artistas, Alex Vallauri ressaltou a contribuição das aulas de desenho ministradas na FAAP por Teresa Nazar, considerando-as de fundamental importância para a sua formação artística.

Inquieta e audaciosa, Teresa nunca se acomodou. Ela entendeu que a arte está sempre em movimento, sintonizando o mundo e a humanidade em permanentes mudanças e mutações. Por isso, nunca aceitou repetir meramente o já alcançado, estruturado de suas criações plásticas; procurava incessantemente os meios libertadores do pensar, visualiza e fazer arte.

Assim, a pintora se distanciou cada vez mais de soluções fáceis e repetitivas impostas pelo insípido mercado sul-

americano de artes visuais. Nazar, até o fim de sua vida, em tempo algum, afastou-se de seus valores pessoais e de suas convicções estéticas. Isenta de proselitismos e de soluções traiçoeiras da arte, jamais embarcou nas ondas da moda. Só lhe interessava a expressão e a representação dos anseios de uma humanidade livre que também lutasse a favor da liberdade da vida e da arte, suas principais metas de vida.

Uma parte da crítica de arte entendeu esse novo momento criador de Teresa, surpresos com seus progressos em tão pouco tempo, assim muitos críticos a selecionaram e a indicam para importantes mostras coletivas, ao lado dos mais significativos artistas plásticos brasileiros dos anos 1960.

Sem medo de errar, avançou cada vez mais em suas pesquisas, materiais e técnicas inovadoras. Desistiu definitivamente da pintura a óleo de cavalete, à procura de outros e inusitados suportes para as suas novas criações. Depois de afirmar que as nomenclaturas e as classificações artísticas precisavam ser abolidas,

rechaçadas, defendeu o uso livre de elementos gráficos, pictóricos e escultóricos em uma única obra, preconizando um novo tempo, um novo momento de sua carreira.

Com materiais inusitados, Teresa idealizou duas novas séries. Segundo o crítico Mário Schenberg a sua nova “visão de mundo não podia ser transmitida adequadamente pela simples representação gráfica e colorística tradicional”. Para ele, a partir de 1965, “Teresa continuou a progredir muito. Houve, sobretudo, uma transformação radical na sua temática, que tornou atualíssima, tratada de maneira convincente. Basta mencionar a sua série interessantíssima de quadros sobre os voos dos astronautas em que utiliza largamente placas e outros elementos metálicos assim como objetos. O tratamento tão vivo e sugestivo das figuras é característico de sua fase atual. Também nas telas sobre temas cotidianos, como no quadro com as mulheres no cabeleireiro, Teresa revela uma capacidade de apreensão realista pop muito original e uma eficácia de comunicação artística...

A posição de destaque de Teresa Nazar na vanguarda da pintura paulistana se consolidou e, sua presença já se fez sentir mais amplamente em todo o movimento neo realista brasileiro”.²⁰

Nos anos 1960 Teresa Nazar participou das principais manifestações de vanguarda das artes plásticas brasileiras: do primeiro happening de São Paulo junto com Hélio Oiticica que apresentou, pela primeira vez em São Paulo, neste evento, com passistas da Escola de Samba da Mangueira usando os seus parangolés; de importantes mostras organizadas por Walter Zanini no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e inclusive de bienais de São Paulo - as de 1965 e 1967. Nesta última, também conhecida como a “Bienal de Arte Pop”, suas obras foram destacadas pela ousadia formal, técnicas e temáticas incomuns em paralelo a produção inovadora da representação dos Estados Unidos que na ocasião expôs obras de Jasper Johns, Andy Warhol, Roy Lichtenstein e entre outros Robert Rauschenberg, que também ficaram impressionados com a obra inovadora dessa artista.

A pesquisa de novas técnicas e materiais insólitos fundamenta o processo criativo de Teresa Nazar nos anos 1960. Liberdade, ousadia e inovação desmedidas em especial para uma artista que dominou com maestria, desde o início de sua carreira, as técnicas tradicionais do desenho e da pintura a óleo, uma forma irreverente distante dos convencionalismos da representação artística em um momento difícil da história do Brasil, em plena ditadura militar. Assim, presentificou e questionou em suas obras, de forma eloquente, a permanente equação: razão *versus* emoção da humanidade frente às máquinas cada vez mais robotizadas do dia a dia do cidadão comum.

Quando questionada sobre as influências da Pop-Art em sua produção plástica, Teresa Nazar respondia: “Para mim, a arte universal não tem fronteira”, reafirmando, mais uma vez, com antecedência o primeiro item da Declaração de Princípios Básicos da Vanguarda Brasileira. Com esse resgate histórico da produção plástica de Teresa Nazar nos anos 1960, a *Revista Arte & Crítica* da ABCA

reforça a opinião de Walter Zanini que em 2005 afirmou: “a contribuição de Teresa Nazar permanece”.

*Teresa Nazar nasceu no dia 1º de abril de 1933 em Mendoza, Argentina e faleceu em 16 de junho de 2001 em São Paulo, cidade adotada e amada pela artista.

NOTAS

1 MORAIS, Frederico. “A melhor Exposição é a de Teresa Nazar”. O Globo, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1966.

2 LAUS, Harry. “Coexistência Pacífica”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 16 de setembro de 1966.

3 BENTO, Antonio. “Os Astronautas de Teresa Nazar”, Última Hora, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1966.

4 LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário Crítico da Pintura. Rio de Janeiro: ArtLivre, 1988 p. 349. Verbete Nazar, Teresa.

5 “A Arte de Impacto de Teresa Nazar”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1966.

6 FAAP. Departamento de Pesquisa e Documentação de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, 27 de setembro de 1977.

7 “Vamos participar desse apeningue”. O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 de agosto de 1966.

8 Apeningue o que é? O Estado de São Paulo, 12 de agosto de 1966.

9 BARDI, Pietro Maria. “Simpatia para o “happening” dos artistas”. Diário de São Paulo, 17 de agosto de 1966.

10 ZANINI, Walter. Sobre Teresa Nazar. In Teresa Nazar na Vanguarda Paulista. Spinelli, João [ET alii]. São Paulo. Museu de Arte Brasileira - FAAP - 2005 p. 14.

11 SILVA, Quirino da. Teresa Nazar. Diário da Noite, São Paulo, 13 de julho de 1961

12 13 GONÇALVES, Vergniaud. “São Paulo fascina artistas de outras terras. Shopping News. São Paulo, 23 de julho de 1963.

13 Jornal Los Andes. Expone oleos Teresa Nazar. Mendoza, 13 de agosto de 1960.

14 FERRAZ, Geraldo. Uma artista na paisagem. O Estado de São Paulo, 22 de março de 1963. p.7.

15 SILVA, Quirino da. Teresa Nazar. Diário de São Paulo, 8 de março de 1963. Segundo caderno p.2.

16 VIEIRA, José Geraldo. Teresa Nazar. Folha de São Paulo, 12 de março de 1963.

17 MILLIET, Sergio. Teresa Nazar, Folha de São Paulo, 12 de março de 1963.

18 SCHENBERG, Mario. Teresa Nazar. Galeria Selearte, São Paulo, 1963.

19 GONÇALVES, Vergniaud. São Paulo fascina artistas de outras terras. Shopping News, São Paulo, 23 de julho de 1963.

20 SCHENBERG, Mario. Teresa Nazar. Galeria Atrium, São Paulo, 18 de maio de 1966.

JOÃO J. SPINELLI

Historiador, crítico de arte, curador e professor de História da Arte na FAAP, ECAUSP, IA - UNESP e de Arte e Cultura Japonesa e Arte Pública no curso de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Curador independente de exposições em museus, centros culturais no Brasil e no exterior (Buenos Aires, Miami, San Capistrano e Nova York, Estados Unidos). Autor e/ ou organizador de dezessete livros de arte, entre eles: Coleção SESC de Arte Brasileira, 2006, Informelle Kunst in Südamerika (Museum am Ostwall, Alemanha, 2002, Arte Nipo-Brasileira, 2001, Arte Pública no Brasil Apontamentos e Reflexões, 1997, Antonio Carelli: visualidade de um artista em constante evolução, 2010 e Alex Vallauri Graffiti: fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil, 2011.